

MISSIONÁRIOS DE ESPERANÇA ENTRE OS POVOS

Deus ama os pobres



“A condição dos pobres representa um grito que, na história da humanidade, interpela constantemente a nossa vida, as nossas sociedades, os sistemas políticos e económicos e, sobretudo, a Igreja. No rosto ferido dos pobres encontramos impresso o sofrimento dos inocentes e, portanto, o próprio sofrimento de Cristo.”

(Papa Leão XIV, carta encíclica *Dilexit Te*, “Eu amei-te”, publicada no dia 4 de Outubro de 2025)



FICHA TÉCNICA

DIRECTOR
P. José António Mendes Rebelo

PROPRIEDADE E EDIÇÃO
Direcção Nacional de Propagação da Fé

SEDE, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Ilha do Príncipe, 19
1170-182 LISBOA
Tlf: (+351) 21 814 84 28
Email: missao.omp@gmail.com
NIPC: 501132619
Homepage: <https://www.opf.pt/>

ESTATUTO EDITORIAL
<https://www.opf.pt/missao-omp>

Depósito Legal N° 192499/03
NIPC 501 132 619 – I.S.S.N. – 1647 – 9203
Registo na ERC n° 104247

IMPRESSÃO: Jorge Fernandes
Rua Quinta do Conde de Mascarenhas, 9
2820-652 Charneca da Caparica
<https://www.jorgefernandes.pt/>

TIRAGEM: 4.000
Preço de capa: 0,01€

FOTOGRAFIA:
João Fernandes; Arquivo OMP;
Contracapa: Karsten Würth



SUMÁRIO

Editorial: “A primeira de todas as causas”.....	03
Missionários portugueses no mundo	04
Missão, o principal legado do Papa Francisco.....	06
O magistério missionário do Papa Francisco.....	08
Ofertórios Diocesanos das Missões 2024.....	13
A sinodalidade na Escritura.....	14
A acção missionária, o paradigma de toda a obra da Igreja.....	16
Ser discípulos missionários no século XXI.....	18
O testemunho de São Francisco Xavier.....	20
A Missão é divertida: O Padre tem de atravessar o rio!.....	22
Escaparate: A Igreja Católica no mundo.....	23



“A primeira de todas as causas”

A missão é a razão de ser da Igreja – e não uma tarefa secundária, complementar ou opcional. A Igreja nasceu da missão e tem uma missão intrínseca: anunciar o Evangelho a todos e por todos os meios. A missão é, por isso, a sua tarefa prioritária.

S. João Paulo II, na *Redemptoris missio* disse que a actividade missionária «é a tarefa primária da Igreja» (RM, 280); que «ainda hoje representa o máximo desafio para a Igreja» (RM, 287) e que «a causa missionária deve ser (...) a primeira de todas as causas» (RM, 333).

Por sua vez, o Papa Francisco na Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual, *Evangelii gaudium*, retomou e reforçou estes ensinamentos eclesiológicos para depois afirmar: “A Igreja está em estado permanente de missão, e essa missão é a sua razão de ser. A evangelização é o trabalho mais importante da Igreja, e todas as suas actividades pastorais devem ser orientadas para a missão” (EG, 15).

Por isso, **não existe uma dicotomia entre a pastoral e a missão ad gentes**, ou se quisermos, a missão *ad intra* e a missão *ad extra*. São apenas dois aspectos da grande missão da Igreja que visa testemunhar a todos o amor de Jesus. Para não perder o fôlego, a pastoral deve estar aberta à universalidade.

A ideia da missão universal dá respiro à missão paroquial e nacional e não é algo que distrai os cristãos do compromisso local que têm ou que os leva a alienar as suas energias e recursos. A missão doméstica só tem a ganhar com a abertura à missão universal. Como disse o Santo Padre João Paulo II, “a missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. **A fé fortalece-se, dando-a**” (*Redemptoris Missio*, 2).

Onde a dinâmica da missão *ad gentes* diminui ou até morre, também todos os outros esforços pastorais se enfraquecem, pois **a missão ad gentes é como a**



Padre Rafael Marco a trabalhar no Níger.

expressão mais plena de uma Igreja em saída, missionária, ansiosa por chegar a todos com o anúncio da salvação em Cristo. Por isso, a missão *ad gentes* proporciona à Igreja local aquele dinamismo que a impulsiona a ir ao encontro das pessoas, também daquelas mais distantes.

A abertura à universalidade da Igreja enriquece a Igreja local, de várias maneiras:

— **Torna-a mais consciente da sua missão global e ajuda-a a ganhar uma visão mais ampla e inclusiva do Evangelho.** Um exemplo disto é visível na experiência dos jovens que vão fazer voluntariado nos países ditos missionários: o encontro com outras realidades humanas, culturais e religiosas impacta-os e reanima a sua fé e entusiasmo.

— **Fortalece a sua identidade e missão**, na medida em que a ajuda a compreender que é parte de uma realidade maior e que, independentemente das diferenças culturais e sociais, todos fazem parte do mesmo corpo de Cristo, o que fortalece a unidade e a coesão da Igreja local.

— **Ajuda-a a crescer na solidariedade e no compromisso social.** As situações de abandono e miséria em que sobrevivem tantos povos não pode não despertar a solidariedade cristã e deixar de incentivar os fiéis a comprometer-se em questões de justiça social, como a pobreza, as desigualdades e as injustiças.

— **Enriquece-a cultural e espiritualmente.** Ao abrir-se à universalidade da Igreja e ao acolher

missionários de outras latitudes, a pastoral local também é enriquecida por uma diversidade de perspectivas e experiências. Isso inclui diferentes tradições litúrgicas, práticas de oração, expressões de fé e maneiras de viver o Evangelho. A Igreja universal é composta por uma rica tapeçaria de culturas e maneiras de viver e celebrar a fé, e cada uma delas tem algo a ensinar e a oferecer à outra. O Papa Francisco escreveu que “o encontro entre as culturas é uma bênção, pois cada cultura tem algo a oferecer ao Evangelho e à missão da Igreja. A Igreja local, ao abrir-se a outras culturas, enriquece-se e cresce” (*Evangelii Gaudium*, 238). A diversidade cultural, quando integrada, fortalece a pastoral da Igreja local, pois promove uma experiência de fé mais rica e ampla, que é mais capaz de dialogar com o mundo moderno.

— **Torna-a mais eficaz na evangelização.** Ao abrir-se ao mundo, a Igreja local torna-se mais capaz de ouvir as questões contemporâneas, tanto espirituais como sociais, e faz com que a sua mensagem seja mais eficaz, relevante e contextualizada. A universalidade permite que a pastoral local esteja mais sintonizada com as grandes questões da humanidade.

A missão é de tal maneira importante para a pastoral da Igreja que levou o Papa Francisco a sugerir que a missão *ad gentes* deve inspirar a nossa acção pastoral e evangelizadora, quando disse que “**o paradigma de todas as actividades apostólicas é a missão ad gentes**” (EG, 15). Deste modo, o trabalho missionário é o modelo mais autêntico e dinâmico de como a Igreja deve viver a sua vocação de anunciar o Evangelho, de maneira concreta e transformadora. Sobretudo tendo em conta que numa sociedade crescentemente descristianizada, a missão *ad gentes* entrou-nos em casa. As nossas periferias humanas e geográficas precisam de evangelização. E a missão *ad gentes* oferece um modelo para esse anúncio. ✚

Missionários portugueses pelo mundo

Segundo os dados recolhidos pelas OMP, no inquérito de 2025, regista-se uma diminuição dos missionários portugueses *ad gentes* enviados para fora pelos Institutos/Congregações, em comparação com o inquérito realizado em 2022. A Europa surge como o segundo maior destino, para missionários e missionárias. Ao mesmo tempo, as Congregações estão a receber cada vez mais membros estrangeiros. Por seu lado, as dioceses portuguesas também registam um aumento crescente do número de sacerdotes diocesanos oriundos de outros países a trabalharem na sua pastoral: são já 248, de quatro continentes. O retrato de uma Igreja que envia cada vez menos e recebe cada vez mais missionários.

a. Missionários Portugueses em Missão: 103				b. Missionárias Portuguesas em Missão: 140			
África	América	Ásia	Europa	África	América	Ásia	Europa
África do Sul - 2 Angola - 11 Benim - 1 Cabo Verde - 4 Chade - 1 Etiópia - 1 Gana - 1 Madagáscar - 2 Moçambique - 20 Quênia - 1 RD Congo - 3 Uganda - 3 Zâmbia - 3	Bolívia - 1 Brasil - 13 Canadá - 2 EUA - 1 Paraguai - 1 Peru - 1	Filipinas - 1 Japão - 3 Macau - 1 Timor-Leste - 3	Espanha - 5 França - 2 Irlanda - 1 Itália - 14 Luxemburgo - 1	África do Sul - 2 Angola - 26 Benim - 1 Guiné Bissau - 4 Moçambique - 14 RD Congo - 2 São Tomé - 5	Argentina - 1 Brasil - 21 Canadá - 2 Peru - 1	Filipinas - 1 Líbano - 1 Timor - 14	Bélgica - 4 Espanha - 6 França - 8 Inglaterra - 3 Itália - 19 Luxemburgo - 4 Vaticano - 1
53	19	8	23	54	25	16	45
103 (de 721)				140 (de 1598)			

a) Responderam ao inquérito 16 Institutos Missionários Masculinos. Total de membros portugueses desses 16 Institutos: 721 missionários. Os 103 Missionários Portugueses em Missão correspondem a 14,28% do total de membros. Sendo que 85,72% dos missionários trabalham em Portugal.

b) Responderam ao inquérito 24 Institutos Missionários Femininos. Total de membros portugueses desses 24 Institutos: 1.598 missionárias. As 140 Missionárias Portuguesas em Missão correspondem a 8,76%. Sendo que 91,24% das missionárias trabalham em Portugal.

Missionários Estrangeiros em Portugal

c. Missionários Estrangeiros a trabalhar em Portugal: 91				d. Missionárias Estrangeiras a trabalhar em Portugal: 106			
África	América	Ásia	Europa	África	América	Ásia	Europa
Angola - 11 Cabo Verde - 3 Camarões - 1 Gana - 3 Madagáscar - 2 Moçambique - 2 Nigéria - 3 Quênia - 7 RD Congo - 2 Togo - 1	Brasil - 5 México - 2	China - 1 Filipinas - 4 Índia - 6 Indonésia - 12 Timor - 9 Vietname - 2	Espanha - 1 França - 1 Itália - 4 Polónia - 3 Ucraniana - 6	Angola - 16 Cabo Verde - 15 Congo-Brazza - 1 Gana - 1 Guiné - 1 Moçambique - 20 RD Congo - 2 Ruanda - 1 S. Tomé - 1	Brasil - 4 Equador - 1 México - 2	Índia - 1 Timor - 30	Alemanha - 3 Espanha - 4 Itália - 1 Polónia - 2
35	7	34	15	58	7	31	10
91				106			



Diocesanos Portugueses a trabalhar fora e Diocesanos Estrangeiros a trabalhar em Portugal

a. Diocesanos Portugueses a trabalhar fora de Portugal: 37				b. Diocesanos Estrangeiros a trabalhar em Portugal: 248			
África	América	Ásia	Europa	África	América	Ásia	Europa
Angola - 3 Gana - 1 Moçambique - 1 Tanzânia - 1	Brasil - 1 Canadá - 2 Equador - 1		Alemanha - 5 França - 2 Itália - 12 Inglaterra - 1 Luxemburgo - 1 Suíça - 5 Vaticano - 1	Angola - 69 Cabo Verde - 4 Camarões - 1 Moçambique - 7 Gabão - 2 Gana - 2 Guiné - 2 Nigéria - 2 RD Congo - 3 Rwanda - 2 S. Tomé - 1 Uganda - 1	Argentina - 3 Brasil - 48 Chile - 1 Costa Rica - 1 Equador - 2 El Salvador - 1 Honduras - 1 México - 1 Peru - 2 R Dominicana - 2 Venezuela - 1	Filipinas - 4 Índia - 10 Indonésia - 1 Timor - 3	Alemanha - 2 Áustria - 1 Croácia - 1 Espanha - 16 França - 1 Holanda - 2 Irlanda - 2 Itália - 24 Polónia - 9 Roménia - 2 Ucrânia - 11
6	4	0	27	96	63	18	71
37				248			

Dos 248 Sacerdotes diocesanos estrangeiros a trabalhar na pastoral, em Portugal, destacam-se Angola, com 69 padres, seguida do Brasil, com 48 e da Itália com 24 sacerdotes. Dos 37 padres diocesanos portugueses a trabalhar fora do país, a maior parte encontra-se na Europa (na Itália, na área da pastoral e da formação, com 12 sacerdotes e os restantes estão a trabalhar com os emigrantes portugueses).

MISSIONÁRIOS PORTUGUESES NO MUNDO

243 Religiosos: 103 homens e 140 mulheres

(África: 107; Europa: 68; América: 44; Ásia: 24)

37 Sacerdotes Diocesanos

(Europa: 27; África: 6; América: 4)



MISSIONÁRIOS ESTRANGEIROS EM PORTUGAL

197 Religiosos: 91 homens e 106 mulheres

(África: 93; Ásia: 65; Europa: 25; América: 14)

SACERDOTES DIOCESANOS ESTRANGEIROS EM PORTUGAL: 248

(África: 96; Europa: 71; América: 63; Ásia: 18)

Dioceses	Nº sacerdotes estrangeiros
Algarve	3
Angra	1
Aveiro	6
Beja	4
Braga	10
Bragança	5
Coimbra	21
Évora	33
Funchal	0
Guarda	5
Lamego	0
Leiria	11
Lisboa	91
Portalegre	7
Porto	19
Santarém	2
Setúbal	17
Viana Castelo	1
Vila Real	2
Viseu	10

Missão, o principal legado do Papa Francisco



Logo que se soube do falecimento do Papa Francisco, na manhã da Segunda-feira da Pascoela (dia 21 de Abril de 2025), os meios de comunicação social começaram a veicular testemunhos muito belos sobre ele e o seu legado. Chegaram de todas as latitudes e de todos os quadrantes políticos e sociais, sinal de que a sua pessoa e ministério eram realmente apreciados por tanta gente à volta do globo.

Ouvimos testemunhos sobre o seu estilo de escuta, simplicidade e acolhimento; sobre a sua atenção à Casa Comum, mas também aos pobres, excluídos e migrantes; sobre a sua busca de caminhos de paz e de diálogo social, ecuménico e inter-religioso; sobre a sua vontade de criar uma Igreja inclusiva e misericordiosa, “hospital de campanha”, que vai ao encontro das periferias da humanidade; sobre o seu

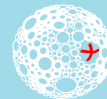
combate aos abusos sexuais contra crianças e adultos vulneráveis; sobre o seu esforço para fazer da Igreja casa de “todos, todos, todos” e pô-la num verdadeiro caminho de sinodalidade missionária.

Muito foi dito e muito poderá ser dito sobre um papado extraordinário que procurou lançar pontes e propor uma Igreja aberta, que acolhe, cura e ajuda a todos. Por isso, parece-me que **a atitude por detrás de todo o ministério petrino do Papa Francisco estava a convicção, repetidamente expressa, de ele sonhar e querer uma “Igreja em saída”, uma Igreja missionária**, que vai ao encontro de todos sem excepção. Esta convicção foi expressa por ele, no seu discurso aos cardeais na última Congregação Geral antes do conclave de 2013, que o elegeram como Papa, e que segundo

os especialistas, poderá ter levado à sua eleição.

Alguns **elementos estruturantes do seu pontificado** confirmam que a grande preocupação do Papa Francisco era a missão universal da Igreja. De entre eles destaco:

1. A sua insistência na mensagem missionária. Basta recordar a sua Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual, *Evangelii gaudium*, publicada apenas oito meses depois da sua eleição como Sucessor de Pedro; o livro-entrevista sobre a missão intitulado “Sem Ele nada podemos fazer. Ser missionários no mundo de hoje”, publicado em 2019; o longo ciclo de catequeses das Quartas-feiras dedicadas à “paixão pela evangelização: o zelo apostólico do crente”, feitas em 2023; as mensagens às Obras Mis-



sionárias Pontifícias, por ocasião das suas assembleias anuais e as mensagens para o Dia Mundial das Missões. **A missão foi, sem dúvida, o tema número um do papado de Francisco, que dela falava dia-sim-dia-sim, intrepidamente, em homilias, discursos e intervenções, para consolação e goáudio dos missionários, que viram nele o seu maior aliado na Igreja.**

2. As suas viagens apostólicas.

Durante os pouco mais de 12 anos do seu pontificado, apesar da idade avançada e dos seus problemas de locomoção, o Papa Francisco realizou umas 48 viagens apostólicas (23 na Europa, 11 na Ásia, 8 na América, 5 na África e 1 na Oceânia), algumas das quais de grande pendor simbólico e missionário. Desde logo, a sua deslocação a Lampedusa, no sul de Itália, menos de quatro meses após a sua eleição como bispo de Roma e pastor universal, para dar visibilidade ao problema da imigração. Depois, fez viagens a países onde os cristãos estão em minoria (como na Terra Santa, Albânia, Turquia, Sri Lanka, Bósnia e Herzegovina, Cuba, República Centro-Africana, Geórgia, Azerbaijão, Suécia, Egito, Myanmar, Bangladesh, Marrocos, Bulgária, Macedónia do Norte, Roménia, Ilhas Maurícias, Japão, Tailândia, Cazaquistão, Singapura, Bahrein, Iraque, Mongólia, só para

mentonar alguns) ou para afirmar a importância do diálogo inter-religioso, como na visita aos Emiratos Árabes Unidos, em 2019, onde com o grande imã de Al Azhar Al Sharif, assinou a Declaração histórica em prol da defesa da paz mundial.

3. A reforma da Cúria Romana.

Na Constituição para a Reforma da Cúria Romana, *Praedicate Evangelium* (“Pregar o Evangelho”), promulgada a 19 de Março de 2022, o Papa separou o poder de governação na Igreja do poder das ordens e permitiu, assim, “o envolvimento de homens e mulheres leigos também no papel de governo e responsabilidade na Igreja”, o que levou, por exemplo, à nomeação de dois leigos como Prefeitos dos departamentos do Vaticano para a economia e as comunicações e de uma mulher, a Irmã Simona Brambilla, MC, como Prefeita do Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica; e, sobretudo, **fez do Dicastério para a Evangelização o primeiro e mais importante de todos, ao ordenar que fosse “presidido pelo Romano Pontífice”**. Trata-se de uma mudança que podíamos definir Copernicana: o Dicastério para a Doutrina da Fé, que durante tantos anos fez tremer os teólogos, perde a importância que costumava ter para acentuar a necessidade da evangelização.

Trata-se de uma mudança simbólica que deve servir de inspiração na organização das conferências episcopais em todo o mundo.

4. O sínodo para a sinodalidade. Com o subtítulo de *Comunhão, Participação e Missão*, o Sínodo visava não só fazer da Igreja uma comunidade de irmãos e irmãs mais em linha com a comunidade de Jesus – mais participativa, menos piramidal e mais horizontal no processo decisional – mas também e sobretudo ajudá-la a ser missionária. Se dúvidas houvesse, pode ver-se a insistência do Papa Francisco na ideia de que a “sinodalidade é missionária”. Ou seja, a sinodalidade é o modo através do qual a Igreja se renova e se compromete na missão, e é a expressão da sua natureza missionária.

5. “A acção missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja” (EG, 15). Trata-se de uma afirmação ousada do Pontífice com a qual quis dizer que para passar “de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” é preciso olhar para o que é feito no campo da primeira evangelização e deixar-se inspirar pelo trabalho dos missionários – e não considerá-los, como acontece com alguma frequência, como incomodativos e, por isso, dispensáveis na dinâmica pastoral das comunidades.

O legado missionário do Papa Francisco não caduca e deverá continuar a orientar-nos por muitos e bons anos. Lembremos, por isso, o que ele nos disse na sua magna carta “programática” sobre a missão, *Evangelii gaudium*: “Espero que todas as comunidades se esforcem por actuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma «simples administração». Constituamo-nos em «estado permanente de missão», em todas as regiões da terra” (EG, 25). A Igreja em Portugal só tem a ganhar em comprometer-se decididamente com a missão universal, pois como disse o grande pastor Francisco, “a missão é o oxigénio da vida cristã, que sem ela adoece e murcha”. ✚



O magistério missionário do Papa Francisco

A paixão missionária do Papa Francisco foi o fio condutor mais intenso e tenaz de todo o seu exercício do ministério petrino. O zelo missionário não foi apresentado por ele como uma urgência entre outras, como um dos campos em que investir as energias eclesiais. Pelo contrário, o Papa Francisco repetiu com insistência que a solicitude apostólica é o único modo adequado para viver e tornar fecundas e úteis todas as dinâmicas eclesiais.



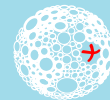
Papa Francisco em Myanmar, em 2017.

Entrei para os jesuítas porque me impressionava a sua vocação missionária e o facto de procurarem sempre novas fronteiras.” Assim falou de si o Papa Francisco. Depois, o jovem jesuíta que sonhava ir como missionário para o Japão tornou-se bispo de Roma. E encheu de missão o seu ministério de Sucessor de Pedro.

O desejo e a exigência de ver crescer em toda a Igreja o ímpeto de um renovado espírito missionário tornaram-se como que o coração pulsante do seu magistério. Uma “prioridade” a que quis dar *relevo objectivo e institucional*, quando na própria Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium* sobre a Cúria Romana, promulgada em 2022, ordenou que o Dicastério para a Evangelização fosse “presidido pelo Romano Pontífice”. «A “conversão missionária” da Igreja», lê-se no Preâmbulo desse documento, «destina-se a renovar a Igreja segundo a imagem da missão de amor própria de Cristo. (...). Ela mesma torna-se mais radiosa, quando leva aos homens o dom sobrenatural da fé (...).»

A paixão missionária do Papa Francisco foi o fio condutor mais intenso e tenaz de todo o seu exercício do ministério petrino. **O zelo missionário não foi apresentado por ele como uma urgência entre outras, como um dos campos em que investir as energias eclesiais. Pelo contrário, o Papa Francisco repetiu com insistência que a solicitude apostólica é o único modo adequado para viver e tornar fecundas e úteis todas as dinâmicas eclesiais**, que, de outro modo, estariam destinadas a transformar-se em jogos de papéis para os “trabalhadores por conta própria” clericais. A sua intenção era encorajar a que «os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo actual que à auto-preservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias» (*Evangelii gaudium*, 27).

O Papa Bergoglio não escreveu tratados especulativos sobre a missão. Não definiu um pensamento



académico estruturado de “programação missionária”. Pelo contrário, **a sua inquietação missionária inundou todo o seu magistério ordinário, difundindo pistas, lembretes, intuições e sugestões de matriz missionária numa imensa massa de homilias, catequeses, discursos e intervenções.** Um “magistério missionário” que, no entanto, também se reuniu e se definiu em torno de alguns momentos-chave, do início ao fim do Pontificado, a começar pelo “texto programático” publicado nos primeiros meses do seu ministério como Sucessor de Pedro.

O “choque missionário” da *Evangelii gaudium*

Com a Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* “sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual”, publicada a 24 de Novembro de 2013, o Papa Francisco quis «propor algumas directrizes que possam encorajar e orientar, em toda a Igreja, uma nova etapa evangelizadora, cheia de ardor e dinamismo» (EG, 17). Foi **um texto magisterial singular, operativo e por vezes impetuoso ao repetir com acentos inéditos que o anúncio do Evangelho é a razão de ser da Igreja.**

Nesse texto, o bispo de Roma, vindo de Buenos Aires, reiterava que a missão de anunciar aos outros a salvação prometida no Evangelho, o “primeiro anúncio” – que a linguagem tradicional da Igreja define com a expressão grega “*kerygma*” (que deriva do verbo “gritar, proclamar”) – é um facto inalienável no mecanismo da salvação. Mas tal missão não nasce por si mesma, em virtude de boas intenções, de raciocínios, de esforços de vontade. Só pode ser desencadeada através de um encontro com Cristo e com as acções que Ele realiza hoje. Um encontro que suscita a fé e leva aqueles que viveram essa experiência a comunicá-la aos outros.

Testemunhar o Evangelho de Cristo – explicou o Papa Bergoglio, citando a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI, que sempre lhe foi cara – nunca pode ser entendido como «uma heróica tarefa pessoal, dado que ela é, primariamente e acima de tudo o que possamos sondar e compreender, obra de Deus. Jesus é “o primeiro e o maior evangelizador”. Em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus» (EG, 12). «Quando alguém dá um pequeno passo em direcção a Jesus», insistiu o bispo de Roma a este respeito, «descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada» (EG, 3). O Papa Francisco tinha também cunhado um neologismo, “primeirar”, para descrever a iniciativa originária do amor de Cristo como fonte de todo o dinamismo missionário. Uma graça precedente que se manifesta como uma atracção operada pelo próprio Cristo, que cativa os corações e os chama a Si. Por isso, repetia com insistência o Papa Bergoglio, citando o seu predecessor Bento XVI, na missão de anunciar o Evangelho não se trabalha por desejo de proselitismo, mas «por atracção».

O anúncio do Evangelho, sublinhou o Papa Francisco na *Evangelii gaudium*, não está reservado a pretensoes “profissionais do *querigma*”, qualificados em virtu-

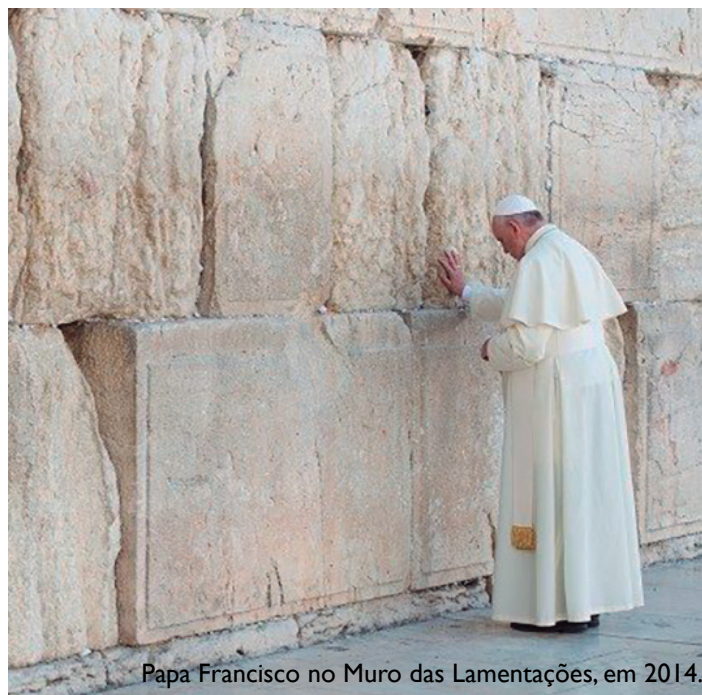
de de um qualquer curso de “formação”. **O baptismo é suficiente para anunciar o Evangelho, dado que «cada um dos baptizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito activo de evangelização.»** Porque «se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que a salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair a anunciá-lo, não pode esperar que lhe dêem muitas lições ou longas instruções. Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus» (EG, 120).

No caminho da fé cristã, insiste o Papa Francisco, não se deve pensar que depois dos primeiros passos «o *querigma* é deixado de lado em favor duma formação supostamente mais “sólida”. Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio» (EG, 165). E todos os actos apostólicos autênticos, incluindo as homilias nas Missas e todas as lições de catecismo, devem ecoar o coração do anúncio cristão.

Uma das notas de fundo que se percebe ao longo de todo o texto da *Evangelii gaudium* pode ser identificada com a expressão “facilitar”. O horizonte de toda a acção apostólica é facilitar o encontro com Jesus. Reconhecer a Igreja como um “povo em missão” também faz parte deste horizonte.

A Salvação prometida por Jesus e anunciada com alegria pela Igreja, adverte o Papa Francisco na *Evangelii gaudium*, «é para todos», e é por isso que «Deus criou um caminho para Se unir a cada um dos seres humanos de todos os tempos. Escolheu convocá-los como povo, e não como seres isolados.» Porque «ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças». E o povo «que Deus escolheu para Si e convocou, é a Igreja. Jesus não diz aos Apóstolos para formarem um grupo exclusivo, um grupo de elite. Jesus diz: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos” (Mt 28, 19)» (EG, 113).

O Povo de Deus, reconhece também a *Evangelii*



Papa Francisco no Muro das Lamentações, em 2014.

gaudium, não é um *lobby* colectivo que se agrega com campanhas de autopromoção. É o povo daqueles que encontraram Jesus e começaram a segui-l'O. É por isso que o caminho cristão nunca é um assunto reservado a inquietos alpinistas de sabe-se lá que cume ascético e espiritual. E a Igreja-Povo de Deus não é uma congregação de activistas de uma filosofia ou de uma ideia religiosa. É simplesmente um povo de baptizados, que pode testemunhar o dom da fé nas condições ordinárias e quotidianas da sua vida. «Hoje que a Igreja deseja viver uma profunda renovação missionária», lê-se na Exortação Apostólica, «há uma forma de pregação que nos compete a todos como tarefa diária: é cada um levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos» (EG, 127).

O Espírito Santo, escreve o Papa Francisco na Exortação, guia o Povo de Deus para a verdade e condu-lo à salvação. Ele dota-o de um “instinto” de fé – o *sensus fidei* – que o ajuda a reconhecer e a seguir a acção da graça de Cristo. Um dom do Espírito que se manifesta com singular evidência naquilo a que a *Evangelii gaudium* chama “espiritualidade” ou “piedade popular”. Gestos e práticas com os quais, pode dizer-se que «o povo se evangeliza continuamente a si mesmo», e que devem ser reconhecidos como «verdadeira expressão da actividade missionária espontânea do povo de Deus» (EG, 122).

Gestos e práticas que nunca devem ser descartados como manifestações de religiosidade natural: «Quem ama o povo fiel de Deus, advertiu o Papa Francisco, «não pode ver estas acções unicamente como uma busca natural da divindade; são a manifestação duma vida teologal animada pela acção do Espírito Santo, que foi derramado em nossos corações» (EG, 125).

Mensagens às OMP e para o Dia Mundial das Missões

Todos os anos, o Papa Francisco soube manifestar a sua solicitude missionária também através das tradicionais *Mensagens para o Dia Mundial das Missões* (celebrado habitualmente em toda a Igreja no penúltimo Domingo de Outubro) e dos discursos dirigidos às Obras Missionárias Pontifícias por ocasião da sua Assembleia Geral anual. Discursos e mensagens que o Papa Francisco utilizou para repropor as orientações do seu magistério missionário, aplicando-as às circunstâncias do momento e às urgências do caminho da Igreja universal. Assim, o Papa Francisco teve muitas ocasiões para repetir a todos (como fez, por exemplo, no encontro com os directores nacionais das OMP, a 1 de Junho de 2018) que o protagonista e «o autor» da missão da Igreja é «o Espírito Santo», e que o livro a ser usado para a oração por aqueles que proclamam o nome de Cristo ao mundo não é um manual para “dar uma alma” às estratégias de *marketing* missionário, mas o pequeno volume dos *Actos dos Apóstolos*. A história simples dos milagres operados pelo Espírito Santo entre os primeiros amigos de Jesus. É preciso «ir lá para encontrar inspiração». E o protagonista desse livro», acrescentou nessa altura, «é o Espírito Santo».

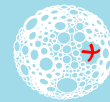
Assim, na sua penúltima *Mensagem para o Dia Mundial das Missões*, divulgada a 2 de Fevereiro de 2024, o Pontífice recordou que o Concílio Vaticano II sublinhou o «carácter escatológico do compromisso missionário da Igreja», ao recordar que «a actividade missionária desenrola-se entre o primeiro e o segundo advento do Senhor». Os primeiros cristãos, recordou o Sucessor de Pedro naquela mensagem, «sentiam a urgência do anúncio do Evangelho». Por isso, «também hoje», sublinhou o Papa Francisco, «é importante ter presente tal perspectiva, porque nos ajuda a evangelizar com a alegria de quem sabe que “o Senhor está perto”».

Uma extensão singular foi a *Mensagem do Papa Francisco às Obras Missionárias Pontifícias*, publicada em 21 de Maio de 2020, no auge da pandemia de Covid-19. Nesse texto magisterial, para além de retomar algumas palavras-chave da *Evangelii gaudium*, o Papa Francisco ofereceu também ideias e conselhos para aqueles que estão mais intensamente envolvidos no trabalho apostólico confiado à Igreja. Recordou, entre outras coisas, que quem anuncia Jesus com a sua vida, segue-O também pelo caminho da paciência com que Ele «acompanhava sempre com misericórdia os passos de crescimento das pessoas» sem «acrescentar pesos inúteis às vidas já afadigadas das pessoas», e sem «impor percursos sofisticados e trabalhosos de formação para usufruir daquilo que o Senhor concede com facilidade». Recordou que Jesus se encontrou com os Seus primeiros discípulos enquanto eles estavam imersos no concreto das suas vidas, enquanto estavam empenhados no seu trabalho («Não os encontrou num congresso, num seminário de preparação, nem no Templo»), para repetir que a missão não precisa de «criar mundos paralelos», nem de «criar bolhas mediáticas onde fazer ressoar os próprios *slogans*».

Às Obras Missionárias Pontifícias, rede de caridade e oração ao serviço da missão espalhada por todo o mundo, o Papa sugeriu ainda que se valorize o vínculo especial que as une ao Sucessor de Pedro, e que pode tornar-se «um sustentáculo de liberdade» e uma ajuda para «subtrair-se de modas passageiras, da restrição a escolas de pensamento unilaterais ou de homologações culturais de cunho neocolonialista».

Nesse texto, o Papa Francisco recordou também algumas «patologias» que podem distorcer o trabalho de sujeitos e instituições envolvidos na actividade missionária, como a «auto-referencialidade» de aparelhos e personalidades que na Igreja

“
A Igreja ou está em saída ou não
é Igreja. Ou anuncia ou não é Igreja.
Se a Igreja não sai, corrompe-se,
distorce-se, torna-se outra coisa.
Torna-se uma associação espiritual.
”



Papa Francisco de visita ao Museu dos Emiratos, onde se encontra uma estátua de Cristo e algumas páginas do Alcorão Azul.

ja dedicam «energias e atenção sobretudo à sua autopromoção e à celebração em chave publicitária das suas iniciativas». Ou a presunção dirigista de grupos e aparelhos que olham para a multidão dos batizados como «uma massa inerte», a ser reanimada e mobilizada para a levar a «uma “tomada de consciência” que se deve estimular por meio de argumentações, apelos, ensinamentos». Ou, ainda, a abstracção contagiosa daqueles que multiplicam «inúteis locais de elaboração estratégica» para «para produzir projectos e directrizes que servem apenas como instrumentos de autopromoção de quem os inventa».

O livro-entrevista sobre a missão

Logo a seguir a Outubro de 2019, celebrado como “Mês Missionário Extraordinário”, foi publicado o livro-entrevista do Papa Francisco “Sem Ele nada podemos fazer. Ser missionários no mundo de hoje” (LE-V-Edizioni San Paolo). O próprio bispo de Roma, ao entregá-lo aos responsáveis da Cúria Romana, durante o tradicional encontro de felicitações de Natal, apresentou-o como «o “documento” – chamemo-lo assim – que eu quis fazer para o mês missionário extraordinário». E acrescentou: «Inspirou-me uma frase – não sei de quem – que dizia: quando o missionário chega a um lugar, já está lá o Espírito Santo à espera dele».

Nesse pequeno volume, o Papa Bergoglio pôde deitar-se em algumas das fórmulas que mais utilizou para sugerir o dinamismo próprio e a fonte de cada obra apostólica. Fórmulas que, nalguns casos, corriam o risco de serem reduzidas a *slogans* dos novos “conformismos” da linguagem eclesial. «“Igreja em saída”, explicou por exemplo o Papa Francisco, «não é uma expressão da moda que eu inventei. É o mandato de Jesus, que no *Evangelho de Marcos* pede aos Seus seguidores para irem por todo o mundo pregar o Evan-

gelho “a toda a criatura”. A Igreja ou está em saída ou não é Igreja. Ou anuncia ou não é Igreja. Se a Igreja não sai, corrompe-se, distorce-se, torna-se outra coisa. Torna-se uma associação espiritual. Uma multinacional para lançar iniciativas e mensagens religiosas.» E acrescentou: «A missão, a “Igreja em saída”, não é um programa, uma intenção a realizar por esforço de vontade. É Cristo que faz sair a Igreja de si mesma. Na missão de proclamar o Evangelho, tu moves-te porque o Espírito Santo te impele. E Ele leva-te. E quando chegas, dás-te conta de que Ele chegou antes de ti e te espera».

No livro-entrevista sobre a missão, o Papa Francisco também deu razões para o seu insistente apelo a não desvirtuar a missão cristã, comparando-a a uma forma de proselitismo: «Há proselitismo», explicou o bispo de Roma, «onde quer que haja a ideia de fazer crescer a Igreja prescindindo da atracção de Cristo e da obra do Espírito, apostando tudo em qualquer tipo de “discurso sábio”. Por isso, em primeiro lugar, o proselitismo afasta da missão o próprio Cristo e o Espírito Santo, mesmo quando pretende actuar em nome de Cristo». O proselitismo, acrescentou o Papa Francisco, «não suporta a liberdade e a gratuidade com que a fé pode ser transmitida, por graça, de pessoa a pessoa».

Catequeses sobre o “zelo apostólico”

Em 2023, nas Audiências Gerais das Quartas-feiras, o Papa Francisco quis levar a cabo um longo ciclo de catequeses dedicadas à «paixão pela evangelização: o zelo apostólico do crente» («um tema urgente e decisivo para a vida cristã»), que pontuou todo o seu décimo ano de Pontificado. Deste modo, o Bispo de Roma quis retomar e relançar em toda a sua ressonância a conotação “missionária” que tinha marcado toda a trajectória do seu magistério papal.

O ciclo de catequeses sobre o zelo apostólico desenrolou-se perante as multidões reunidas na Praça de São Pedro ou na Sala Paulo VI, como uma longa viagem cheia de sugestões, pistas, apelos, conselhos, histórias pessoais, oferecidas pelo Papa Francisco para acompanhar todos «à redescoberta da paixão evangelizadora», e atestar que **a fé cristã é um «tesouro» que «se recebe» e «se transmite» aos outros tal como se recebeu, sem a necessidade de acrescentar mais, ou de contar com a «força das próprias ideias, programas, estruturas»**. Na segunda parte do ciclo de catequeses, o Sucessor de Pedro repropôs também as figuras do jesuíta Matteo Ricci, de Santa Kateri Tekakwitha e de tantas outras «testemunhas que reacenderam na Igreja a paixão pelo Evangelho, a fim de que nos ajudem a reavivar o fogo que o Espírito Santo quer fazer arder sempre em nós».

As “afinidades electivas” entre o Papa Francisco e os missionários

Durante os seus 12 anos de Pontificado, muitos missionários e missionárias sentiram com gratidão uma singular proximidade e afinidade electiva com o acento pessoal da sua sensibilidade cristã, como relatam também os testemunhos missionários publicados na Agência Fides.

Muitos missionários e missionárias sentiram-se próximos e familiarizados com os seus apelos às “zonas cinzentas” do ser humano, nas quais normalmente se realiza o anúncio do Evangelho, os seus convites a sujar as mãos com a realidade, a assumir a vida tal como ela é, com as suas imperfeições e defeitos, as suas misérias e fracassos, longe das abstrações per-

feccionistas dos rigorismos de todo o género.

Tantos missionários alegraram-se ao ouvi-lo pregar que não se deve ter pretensões apriorísticas quando se quer salvar almas, e que as adaptações que visam “salvar o que pode ser salvo” são sempre mais eficazes do que o entrincheiramento rígido na pureza dos próprios princípios ideologizados.

Muitos missionários sabem por experiência que «um pequeno passo, no meio de grandes limitações humanas, pode ser mais agradável a Deus do que a vida externamente correcta de quem transcorre os seus dias sem enfrentar sérias dificuldades» (*Evangelii gaudium*, 44). Tantos missionários sabem também por experiência que quem anuncia o Evangelho e quer oferecer o dom da graça e da cura dos sacramentos do Senhor é, por vezes, chamados a escolher um modo de proceder «onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito», a disponibilidade para escutar, para caminhar passo-a-passo, e para «dar tempo ao tempo, com uma paciência imensa», porque, «como dizia o Beato Pedro Fabro: “O tempo é o mensageiro de Deus”» (EG, 171).

Por tudo isto, e muito mais, **o “magistério missionário” do Papa Francisco pode ainda ser precioso para os caminhos e tempos eclesiais do futuro.** Onde todos poderão guardar as suas palavras e a sua memória, recordando que «tudo na Igreja deve conformar-se com as exigências do anúncio do Evangelho; não com as opiniões dos conservadores ou dos progressistas, mas com o facto de que Jesus alcance a vida das pessoas» (Papa Francisco, *Catequese da Audiência Geral de Quarta-feira*, 22 de Fevereiro de 2023). ✦



Papa Francisco recebe delegação Budista da Mongólia, em 2022.



OFERTÓRIOS DIOCESANOS 2024 DIA MUNDIAL DAS MISSÕES (ORDENADOS POR MÉDIA PAROQUIAL)

Dioceses	Ofertório 2024	Média por Paróquia
SETÚBAL (57 Paróquias)	11.740,82 €	205,97 €
LEIRIA-FÁTIMA (73 Paróquias)	13.475,51 €	184,59 €
LISBOA (285 Paróquias)	52.263,56 €	183,38 €
FUNCHAL (96 Paróquias)	12.963,92 €	135,04 €
PORTO (477 Paróquias)	55.327,10 €	115,98 €
AVEIRO (101 Paróquias)	9.912,24 €	98,14 €
VILA REAL (264 Paróquias)	25.653,13 €	97,17 €
LAMEGO (223 Paróquias)	18.950,00 €	84,97 €
VEISEU (208 Paróquias)	14.537,95 €	69,89 €
COIMBRA (271 Paróquias)	18.827,07 €	69,47 €
ALGARVE (81 Paróquias)	5.391,48 €	66,56 €
VIANA CASTELO (291 Paróquias)	17.943,18 €	61,66 €
PORTALEGRE (161 Paróquias)	9.201,52 €	57,15 €
GUARDA (360 Paróquias)	20.357,17 €	56,54 €
SANTARÉM (113 Paróquias)	6.034,86 €	53,40 €
BRAGA (551 Paróquias)	28.550,84 €	51,81 €
BEJA (121 Paróquias)	4.911,52 €	40,59 €
Évora (156 Paróquias)	4.938,67 €	31,65 €
ANGRA (165 Paróquias)	3.231,72 €	19,58 €
BRAGANÇA (321 Paróquias)	2.313,43 €	7,20 €
ORDINARIATO CASTRENSE	191,34 €	-----
TOTAL	336.717,03 €	76,94 €

Enviado para a OBRA DA PROPAGAÇÃO DA FÉ: 400.100, 00 €

(Domus Missionalis: 70.033,21 €; Secr. Internacionais: 25.212,50 €; Cabo Verde, Guiné-Bissau e Benin: 304.854,29 €)

Enviado para a OBRA DE S. PEDRO APÓSTOLO: 16.500,00 €
(Seminário na R.D. Congo)

INFÂNCIA MISSIONÁRIA FESTA DA EPIFANIA MEALHEIROS

Dioceses	2025
PORTO	14.897,64 €
BRAGA	8.862,53 €
ANGRA	5.050,00 €
LISBOA	4.381,56 €
VEISEU	3.339,43 €
ALGARVE	600,19 €
AVEIRO	575,60 €
LAMEGO	334,68 €
VIANA CASTELO	317,43 €
VILA REAL	250,00 €
PORTALEGRE	225,00 €
SETÚBAL	85,19 €
OFERTAS ANÓNIMAS	2.769,09 €
TOTAL	*41.688,34 €
ENVIADO	**40.000,00 €

* Contributo de cerca de 130 grupos paroquiais da IAM e da catequese; resultado apurado até ao dia 28 de Outubro.
** Contributo enviado no dia 25 de Julho.



Lema da Infância Missionária:
"Crianças evangelizam crianças;
crianças rezam pelas crianças;
crianças ajudam as crianças
de todo o mundo."

A sinodalidade na Escritura

As apresentações do fundamento Bíblico para o tema das passadas Jornadas Missionárias oferecem uma leitura teológico-bíblica da sinodalidade, entendida como dimensão constitutiva da vida da Igreja, a partir de duas perspectivas complementares: o testemunho da comunidade cristã primitiva narrada no livro dos *Actos dos Apóstolos* e a teologia paulina da esperança. Ambas convergem na compreensão da Igreja como realidade em caminho, conduzida pelo Espírito, chamada a viver na escuta, no discernimento e na ousadia missionária.



O biblista e Missionário Verbita, P. César Silva, durante a sua apresentação.

I. A Palavra em caminho

1. Jerusalém como ponto de partida (Act 2–7). O relato dos *Actos dos Apóstolos* sublinha como momento paradigmático na constituição da Igreja a festa de Pentecostes, momento em que o Espírito Santo capacita os discípulos para a comunicação universal da Boa Nova. O símbolo das línguas de fogo revela a presença da “glória de Deus” no meio do povo e não apenas no Templo de Jerusalém. Este episódio realiza a promessa profética da reunião do povo disperso (*Is 11; Ez 37*) e manifesta que a comunidade cristã é o novo espaço da habitação divina.

Contudo, esta primeira comunidade enfrentou tensões internas, nomeadamente em relação ao ideal da partilha de bens (cf. *Act 2, 42-45*) e na gestão das desigualdades. A figura de Pedro destaca-se como liderança de referência e o testemunho de Estêvão evidencia que a fidelidade ao Evangelho pode levar à perseguição e até à morte. Paradoxalmente, **a perseguição não extingue a comunidade, mas fortalece o anúncio.**

2. Expansão para a Judeia e Samaria (Act 8–12). A missão de Filipe na Samaria, a conversão de Saulo de Tarso e a visão de Pedro sobre a purificação de todos os povos sublinham a abertura da Igreja para além das fronteiras judaicas. Este movimento culmina com a

“**A sinodalidade é uma pedagogia de proximidade, escuta e inclusão, sustentada pelo discernimento que acontece no diálogo.**”

fundação da Igreja em Antioquia, uma comunidade multiétnica e numerosa, onde, pela primeira vez, os discípulos são chamados “cristãos” (*Act 11, 26*). Esta passagem assinala mais um passo relevante na definição da identidade da Igreja na sua universalidade.

3. Até aos confins da terra (Act 13–28). Tendo em conta os exemplos apresentados nos *Actos*, as viagens missionárias de Paulo estruturam-se segundo uma metodologia de anúncio: primeiro nas sinagogas, dirigindo-se aos judeus, e depois abrindo-se aos gentios. O chamado Concílio de Jerusalém (*Act 15*) apresenta-se também ele como um momento matricial e decisivo: a questão da circuncisão e da prática da Lei é resolvida a partir da Escritura, reconhecendo-se que o plano de Deus sempre incluiu todas as nações no Seu povo. Este discernimento inaugura uma nova etapa do cristianismo que sendo universal terá necessariamente de ser sinodal, enraizado na escuta atenta da Palavra e do Espírito.

4. O episódio paradigmático de Filipe e o eunuco etíope (Act 8, 26–40). O encontro entre Filipe e o eunuco sintetiza, por assim dizer, o dinamismo sinodal. A iniciativa é do Espírito, que envia Filipe ao “deserto”, lugar bíblico de revelação e discernimento. O eunuco, figura marginalizada segundo os critérios da pureza judaica (cf. *Dt 23, 2; Lv 21, 18-20*), é escutado e acolhido sem restrições. Podemos resumir a passagem sublinhando que a evangelização de Filipe se caracteriza pela escuta e pelo diálogo: ele não impõe um discurso pré-fabricado, mas responde à pergunta do outro a partir da Escritura (*Is 53, o Cântico do Servo Sofredor*).

O baptismo do eunuco mostra que nenhuma barreira social, étnica ou ritual impede a comunhão. No final do relato lê-se que Filipe não se detém ou vangloria no sucesso pastoral, mas continua a missão, arrebatado pelo Espírito. O eunuco, cheio de alegria, prossegue o seu caminho. A narrativa revela que **a sinodalidade é uma pedagogia de proximidade, escuta e inclusão, sustentada pelo discernimento que acontece no diálogo.**

II. A Palavra em Missão: Uma Igreja Sinodal e Missionária

1. A esperança como tema transversal. Nas cartas paulinas, a esperança é uma categoria fundamental, presente em toda a tradição



paulina (autêntica, deuteropaulina e pastoral). Dos 86 usos do termo no Novo Testamento, 64 encontram-se em Paulo. O vocabulário grego (ἐλπίς, ἐλπίζω, ἀπεκδέχομαι) exprime não apenas uma atitude de espera, mas uma confiança activa no cumprimento da promessa de Deus em Cristo.

2. A esperança inscrita no tempo e no espaço. Paulo articula a esperança de modo concreto e existencial. Em *Rm* 15, 24, projecta a sua missão até à Península Ibérica, mostrando que a esperança se traduz em itinerário real. Em *1 Cor* 16, 7 e na *Carta a Filémon*, associa a esperança a tempos e lugares específicos, inclusive no contexto de prisão. Assim, **a esperança cristã não é mera abstracção, mas assume a contingência histórica.** As próprias viagens missionárias de Paulo, com os inúmeros perigos narrados por exemplo em *2 Cor* 11, 26-27, testemunham uma esperança que se sustenta mesmo nas adversidades.

3. A esperança abre à colaboração e implica a criação de redes. Embora Paulo seja o autor das cartas, o seu trabalho missionário é colaborativo. **A esperança não se esgota no indivíduo, mas envolve comunidades, colaboradores e até a própria criação.** Em *Rm* 8, 20-22, Paulo descreve a criação como gemendo em dores de parto, na esperança de ser libertada da corrupção. Assim, claramente o próprio cosmos participa da es-

perança e esta apresenta-se em dimensão escatológica.

4. A esperança é fonte de alegria e protecção. Paulo associa a esperança à alegria e à perseverança. A *Carta aos Filipenses*, por exemplo, insiste na alegria como expressão da fé (ex.: *Fl* 4, 4). A esperança cristã não é resignação, mas fonte de entusiasmo e compromisso. Em *1 Ts* 5, 8, a esperança é apresentada como capacete de salvação, sinal de protecção espiritual. Os Padres e a tradição posterior reforçam esta ligação: **a esperança sem caridade perde a sua autenticidade, podendo mesmo privar os outros da possibilidade de esperar** (cf. Papa Leão XIV, *Mensagem para o Dia Mundial dos Pobres* 2025).

5. Interpretações teológicas da esperança. O debate filológico sobre o dativo “τῇ ἐλπίδι” (*Rm* 8, 24; 12, 12) ilustra a riqueza semântica da esperança: pode ser entendida como causa, instrumento ou lugar da salvação e da alegria. Em última análise, a esperança cristã abarca todas estas dimensões porque se

A Igreja, guiada pelo Espírito, é chamada a ser sinal visível de esperança, alegria e caridade para toda a humanidade.

fundamenta em Cristo. Escritores como Charles Péguy e Fernando Pessoa, sublinhando o carácter paradoxal e vital da esperança, vêem nela uma força que arrasta o ser humano para a sua natureza de filhos e filhas de Deus mesmo quando (e até particularmente quando) revela a vulnerabilidade humana.

Conclusão. Os dois conjuntos de apresentações das jornadas missionárias convergiram num ponto essencial: **a sinodalidade é inseparável da missão, e esta só se compreende plenamente à luz da esperança cristã.** O livro dos *Actos* apresenta uma Igreja que tendo entrado pelo Mistério da cruz no conhecimento do Amor de Deus passa a ser naturalmente uma Igreja em saída, discernindo, dialogando e integrando. As cartas paulinas são o testemunho mais antigo desta dinâmica e apresentam claramente o seu fundamento: a esperança em Cristo, vivida no tempo, no espaço, nas relações comunitárias e na própria criação. Assim, a Palavra de Deus revela-se como caminho sinodal, onde a escuta, o diálogo, a inclusão e a missão são inseparáveis. A conclusão é simples e implica a todos: **a Igreja, guiada pelo Espírito, é chamada a ser sinal visível de esperança, alegria e caridade para toda a humanidade.** ✚

P. César Silva
Missionário Verbita

SINODALIDADE E MISSÃO

Missionários de esperança entre os povos



FÁTIMA, 20 E 21 DE SETEMBRO
Jornadas Missionárias 2025



“A acção missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja” (EG, 15)

• É evidente que a missão, na compreensão do Papa Francisco, toca o essencial da identidade da Igreja. É por isso que é tão importante re-visitar esta identidade, compreendida no contexto do mundo contemporâneo, para entender o quanto a missão se torna o tal “paradigma”, “primeira causa”, a “fonte” e, no fundo, a categoria determinante daquilo que a Igreja é.

• Vivemos num mundo de grandes mudanças, que não são conjunturais ou organizativas, mas estruturais – uma mudança de época. Este contexto de desestruturação para uma nova estruturação é, por vezes, sentido como ameaça: perdemos o que temos e não vemos claro o que passaremos a ter, o que ganhamos. A tentação é fechar-se no conhecido, sentido como seguro.

• No meio das mudanças que nos sobrevêm, que ocorrem à nossa volta e em nós, impõe-se a pergunta: como ser fiel a Cristo e à identidade que Ele nos legou? Como responder às solicitações e desafios do tempo presente de modo que seja Deus a responder e não uma qualquer conveniência transitória e fragmentada? O Concílio Vaticano II desenvolveu um enorme trabalho nesse sentido: a Igreja não é uma realidade estática, uma definição acabada de verdades rígidas e imutáveis. Ela articula uma verdade perene, que garante identidade e continuidade, com a sua marcha peregrina na história, feita de relações e encontros, na consciência de que ela é o que forem as suas relações, já que nasce da relação: a relação dinâmica de Deus Trindade tornada acessível pelo envio do Filho encarnado: “Como o Pai Me enviou, também Eu vos envio.” Assim, a realidade intrínseca da Igreja não se separa da sua dinâmica de relação e de saída. A auto-preservação de uma identidade, [que se limitaria a] um conjunto de dados imutáveis, é uma ilusão, na medida



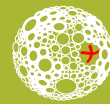
D. Pedro Fernandes, em Fátima.

em que esta identidade não é fechada, mas aberta. Assim, a saída contínua, em direcção à humanidade e ao cosmos, define o ser da Igreja, já que ela nasce de Jesus, enviado do Pai, como participação nesse movimento de envio. É uma saída de um corpo substancial, que se recebe de Deus que sai e do povo que acolhe e com quem entra em relação. Esta compreensão dinâmica da identidade da Igreja levou o Concílio Vaticano II a uma reflexão essencialmente pastoral e dialógica: que postura deve a Igreja ter no mundo para continuar fiel à sua missão? É que não é possível a Igreja ser fiel a si mesma sem o ser em relação à sua missão, pois a Igreja é missão!

• A dificuldade que os grupos ultra-conservadores têm hoje em aceitar o Concílio reside sobretudo neste carácter dinâmico da Igreja, compreendida como missão, mais do que como uma instituição societária, como se a instituição pudesse subsistir ou sequer entender-se fora do dinamismo da missão e da relação com o diferente. A tensão entre mesmidade e diferença, entre permanência e saída, entre comunhão e missão é o eixo central da realidade da Igreja e sem esta tensão a Igreja não poderia ser

compreendida, de um ponto de vista teológico: ficaria reduzida a uma simples organização humana ou a um movimento ideológico, entre tantos outros. Assim, alguns eixos estruturantes se tornam incontornáveis na compreensão da Igreja: Relação entre identidade e transformação; Relação entre verdade e liberdade; Relação entre a unidade e a diversidade; Relação entre dom e construção.

• Parece-me que, se tivéssemos de resumir em duas palavras as grandes linhas orientadoras do pontificado de Francisco para este tempo, talvez essas duas palavras pudessem ser “sinodalidade” e “missão”, retomando a tensão positiva dos binómios antes indicados: por um lado, a identidade prende-se com sinodalidade, pois é uma identidade plural, vívida como comunhão e como caminho – caminho conjunto, “*syn-odos*”. Por outro lado, a diversidade prende-se com missão, com saída, com envio, abertura à diferença, num compromisso com o anúncio servidor de Jesus Cristo Salvador jamais separado da escuta dos Seus sinais no meio do mundo. Neste binómio há, entretanto, uma categoria pressuposta: a categoria da transformação ou, se quisermos, de conversão. Também ela assume a tensão positiva entre o mesmo e o diverso, entre a identidade e a mudança, numa compreensão do Cristianismo que recusa realidades extáticas, rígidas, para incorporar dinamismos abertos, de crescimento, aprofundamento do que já foi dado e recebido. A conversão, enquanto processo, não nega as conversões anteriores, antes as aprofunda e purifica de possíveis equívocos ou insuficiências. É nesta dinâmica de conversão que coabitam a espiritualidade e a moral, tal como a dogmática e a pastoral, já que temos sempre em presença o que o Espírito Santo diz à Igreja e ao mundo, no tecido próprio do seu funcionamento e dinamismos internos.



P. Jesus Campus, missionário espanhol, na República Centro-Africana (Foto: OMP-Espanha).

• **Conversões interligadas:** Conversão missionária (cf. *Evangelii Gaudium*, conversão espiritual à misericórdia (cf. *Misericordiae Vultus*), conversão ecológica (cf. *Laudato Si'* e Exortação Apostólica *Laudate Deum*), conversão sinodal, conversão sócio-cultural (Opção preferencial pelos pobres, Levar a Igreja para as periferias, A economia de Francisco, A voz dada a “todos, todos, todos”).

• **Princípios para ser uma Igreja sinodal em missão:**

Princípio 1: O primado da missão: tudo se ordena à missão e, se a sinodalidade e a missão se interpenetram, esta interpenetração só se entende à luz de uma Igreja entendida como missão de evangelização, que é o motor e a razão de ser de toda a vida da Igreja. Nesse sentido, a Igreja, ao viver o seu dinamismo interno como sinodalidade, volta-se para fora, não se põe ao serviço da sua própria preservação, mas a dinâmica sinodal ordena-se a evangelizar, na abertura, no encontro com o que está “fora”, na proposta do Evangelho a todos.

Identificar os desafios próprios do mundo contemporâneo é, portanto, prioridade para uma Igreja missionária que, para continuar a sê-lo de veras e não cair na irrelevância, deve responder-lhes.

Princípio 2: A participação de todos: nesta prioridade dada à missão, o dinamismo da sinodalidade consiste na circularidade entre a sensibilidade própria de todos os cristãos e a tomada de decisão das instâncias de autoridade da Igreja. Esta circularidade supõe a responsabilidade de todos, potencia os diferentes dons do Espírito Santo, integra o lugar próprio de quem exerce o ministério ordenado, na comunhão com o ministério de Pedro, garantindo assim a fidelidade ao dom da fé (cf. Comissão Teológica Internacional, *A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja*, nº 71). É deste modo que a dimensão sinodal e a dimensão hierárquica não se opõem, mas vivem uma tensão positiva que propulsiona a missão.

Princípio 3: A articulação entre o local e o universal: a Igreja local não

pode pretender viver uma dinâmica sinodal em ordem à vivência da missão se não tiver em conta a sua relação com todas as outras Igrejas. Não basta chegar a conclusões válidas no contexto local (ocidental ou europeu, por exemplo), partindo de premissas culturais locais: é preciso que esta concertação local não seja estanque a uma concertação bem mais larga, que integra a Igreja universal, também entendida como relação integradora de todas as diferentes expressões locais. O atalho localista desfoca a sinodalidade missionária, que garante a unidade da Igreja e não permite que o local abafe o universal, já que isso desvirtuaria um e outro.

Princípio 4: O primado da espiritualidade: o seguimento de Cristo e a vivência de todos estes dinamismos a partir da fé e da relação de busca da vontade de Deus, pela docilidade ao seu Espírito. A conversação no Espírito enquadra-se aqui, como toda a metodologia sinodal. ✨

D. Pedro Fernandes
Bispo de Portalegre-Castelo Branco

Ser discípulos missionários no século XXI



Isabel Duarte e Ir. Maria de Fátima Magalhães, na apresentação que realizaram durante as Jornadas Missionárias 2025.

A Parte V do Documento Final da Segunda Sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, intitulada “Também Eu vos envio”, fala da vocação da Igreja para formar discípulos missionários que estejam prontos a “sair” e anunciar o Evangelho. A expressão, “Também Eu vos envio”, reforça a ideia que todos os baptizados são enviados por Cristo para a missão, em comunhão com a Igreja. Mas, como nos disse o Papa Francisco, na apresentação do documento final do Sínodo, **“O caminho sinodal da Igreja Católica ... precisa que as palavras partilhadas sejam acompanhadas de factos.”**

E é isto que me preocupa a mim todos os dias. Que podemos fazer, como agir, mesmo sem falar do sínodo, para que todos e todas passemos das palavras aos actos e levemos a alegria do Evangelho a todas as pessoas, sobretudo às que se sentem afastadas e excluídas?

É urgente passar a Mensagem neste mundo conturbado e vazio: **“Deus ama-te, está apaixonado**

por ti e quer precisar de ti para a Sua missão de Amor.”

Lendo e relendo o documento, sugiro alguns desafios, implicações e provocações para a nossa reflexão.

- **Missão universal.** Todos nós cristãos somos chamados a ser discípulos missionários, vivendo e anunciando o Evangelho no quotidiano, com coragem e criatividade, superando o medo e o comodismo. Todos somos enviados por Jesus. Por isso, é urgente uma Igreja “em saída” que proponha o Evangelho a todas as classes sociais, a pessoas de todas as profissões e serviços.

Desafios

- Vivemos numa atitude de abertura aos outros, saindo dos nossos egoísmos, descentrados de nós mesmos, para nos centramos em Cristo, crescendo, diariamente, na amizade pessoal com Ele, para acolher e ver os outros como quem acolhe e vê o próprio Cristo, sendo próximos, empáticos, criativos e alegres, cheios de Fé e de Esperança, porque Ele caminha connos-

co e nos envolve na Sua Luz e no Seu Espírito.

- Criar espaços para interagir com os leigos e dar-lhes mais protagonismo, nas paróquias, nos movimentos, nas periferias, nos bairros sociais, porque todos somos chamados a ser luz e presença do Reino, onde mais perigam os interesses de Jesus

- **Formação integral.** Para cumprirmos a nossa Missão, é necessária uma formação que envolva a dimensão espiritual, teológica e pastoral, incentivando a experiência pessoal com Jesus e a vida em comunidade.

Implicações:

- Investir na formação dos discípulos missionários, cuidando da sua formação espiritual: promovendo grupos de oração, retiros, exercícios espirituais, tempos fortes de espiritualidade, aproveitando os tempos litúrgicos como o Advento, a Quaresma e o Pentecostes, a fim de que cresçam na paixão por Deus e pela humanidade e impliquem a



vida na Missão do Reino de Deus.

– Promover catequeses específicas, segundo os serviços pastorais a exercer, de modo que todos entendam com clareza e vivam com alegria as actividades que realizam.

– Dar a conhecer a Doutrina Social da Igreja, aplicando-a às realidades sociais da actualidade e assim sermos sinais de Esperança e promotores da Justiça e do Amor junto dos “afastados e excluídos”, como nos pedia continuamente o Papa Francisco. São de grande actualidade, entre outros documentos, a *Laudato Sí*, a *Fratelli Tutti*, a *Dilexit nos* e a *Evangelii Gaudium*.

• **Comunidade missionária.** A Igreja deve ser uma comunidade que testemunha a fé de forma aberta, acolhedora e empática, que se empenha em propor o Evangelho a todos e em alcançar os que estão afastados ou excluídos: os refugiados, os migrantes os reclusos, as famílias monoparentais, os diferentes, cuidando a integração de todos e construindo a “paz desarmada e desarmante”, o primeiro pedido do Papa Leão XIV, logo no início do seu pontificado.

Provocações

– Investir na formação missionária, de modo que todos se sintam chamados à Missão de Evangelizar, a partir da sua realidade particular, até entenderem a missão *Ad gentes*, como um chamamento de Cristo.

– Promover o voluntariado cristão entre os grupos de jovens e movimentos laicais para que, através dessa experiência de serviço aos outros, de forma temporária, possam descobrir o chamamento de Jesus para a vocação missionária.

• **Envolvimentos especial.** O documento destaca a importância de envolver, especialmente, os jovens e as famílias, que são agentes essenciais na transmissão da fé e no compromisso missionário.

Provocações

– O documento desafia-nos para

uma evangelização activa, não estando à espera que os jovens e as suas famílias venham à Igreja, mas indo nós ter com eles onde eles estão, nas escolas (muitas vezes o único sítio onde ouvem falar de Cristo, através da EMRC, dos testemunhos de amigos e amigas crentes), nos locais de lazer, no desporto, no trabalho e através de grupos informais de amigos/as.

– As famílias são, também, agentes importantes para a transmissão da Fé, no mundo do trabalho, onde através do testemunho de vida e de compromisso social podem provocar questões sobre o significado da vida e as razões do seu agir e do seu compromisso missionário.

– As famílias cristãs são verdadeiramente discípulas missionárias quando defendem a vida, como valor inviolável desde a sua concepção até à morte natural, tomando posições claras e conscientes em relação ao aborto, à eutanásia, ao abandono de crianças e idosos, ao assédio sexual, etc. Cada membro da Igreja é protagonista e responsável pela missão da defesa da Vida, sempre.

• **Desafios actuais.** Os discípulos missionários precisam de estar atentos às realidades sociais, culturais e económicas, usando os meios de comunicação e novas tecnologias para anunciar o Evangelho de forma acessível e relevante. Daí a necessidade de uma formação integral e contínua. Ser discípulo missionário é viver e anunciar o Evangelho com coragem e criatividade; é construir uma Igreja “em saída”, que testemunha o amor de Cristo, promovendo a paz, a proximidade, a empatia e dando forma real ao convívio das diferenças.

Provocações

– O Documento Final do Sínodo dos Bispos, “Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação, missão”, deve sair de cima das secretárias dos bispos, dos párocos e dos coordenadores dos vários movimentos eclesiais e tornar-se o “catecismo quotidiano” que, juntamente com o a Palavra de Deus,

sugere as indicações do Espírito para o nosso agir e actuar.

– O documento de estar, de forma gratuita, à disposição de catequistas, ministros da comunhão e de todos os agentes de pastoral paroquial, social e cultural.

– São necessárias reuniões de formação, com os vários grupos de pastoral, de forma a tornar acessível e apetecível o documento, para que todos juntos, de forma sinodal, o abracemos como um dom do Espírito e da Graça e o tornemos real em obras e gestos de escuta, acolhimento e de Amor ao próximo como Jesus nos pede.

– Centrar a vida em Cristo para d’Ele aprendermos a ser discípulos missionários, o que implica formar grupos de oração e reflexão que gerem em nós a Paixão por Deus e pela Humanidade que nos faça “sair” ao encontro dos pobres, dos empobrecidos, dos que estão afastados da Igreja e da Fé e necessitam de escutar de novo e até pela primeira vez o “VEM E SEGUI-ME” de Jesus.

– Maria, a verdadeira discípula missionária, tem que ser a nossa referência principal no itinerário sinodal, porque ela nos ensina que o Espírito sopra em todos os lugares, quando o nosso único desejo é “ir apressadamente”, às montanhas da vida, amando e servindo os que mais precisam, para que vendo as nossas boas obras glorifiquem o Senhor que está sempre connosco. Que Maria nos ensine a ser discípulos missionários vivendo com alegria e Esperança a nossa missão:

• **Fazer da vida um dom**, partilhando a alegria da presença de Jesus na nossa vida.

• **Transformar a realidade** pela prática do bem e dos valores do Reino, justiça, paz e amor.

• **Viver e anunciar a todos**, todos, todos a Salvação que só Cristo oferece. ✨

Irmã Maria de Fátima Magalhães Teresiana

O testemunho de São Francisco Xavier

O grande missionário do Oriente, Francisco Xavier foi impelido pelo amor de Cristo até às regiões mais remotas do Oriente, sem olhar a canseiras ou perigos, antes tirando daí consolação e alegria por poder seguir Jesus e servi-l'O até ao fim. Morreu aos 46 anos, na ilha de Sanchoão, no litoral chinês, enquanto esperava poder desembarcar perto de Cantão.

*Estimados irmãos e irmãs,
bom dia!*

Prossequindo o nosso itinerário das catequese com alguns modelos exemplares de zelo apostólico... recordemos que estamos a falar de evangelização, de zelo apostólico, de anunciar o nome de Jesus, e há muitas mulheres e homens na história que o fizeram de forma exemplar. Hoje, por exemplo, escolhemos, São Francisco Xavier, que é considerado, dizem alguns, o maior missionário dos tempos modernos. Mas não se pode dizer quem é o maior, quem é o menor, porque há tantos missionários escondidos que ainda hoje fazem tanto ou mais que São Francisco Xavier. E Xavier é o Padroeiro das Missões, como Santa Teresa do Menino Jesus. Um missionário é grande quando vai. E há muitos, muitos, sacerdotes, leigos, religiosas, que vão para as missões, inclusive da Itália e muitos de vós. Vejo, por exemplo, quando me apresentam a história de um sacerdote como candidato ao episcopado: passou dez anos na missão em tal lugar... isto é ótimo: sair da pátria para anunciar o Evangelho. É o zelo apostólico. Devemo-lo cultivar muito. E olhando para a figura destes homens, destas mulheres, aprendemos.

São Francisco Xavier nasce numa família nobre, mas empobrecida, de Navarra, no norte da Espanha, em 1506. Vai estudar em Paris – é um jovem mundano, inteligente, capaz. Lá encontra Inácio de Loyola, com quem faz os Exercícios Espirituais e muda de vida. Ele deixa toda a sua carreira mundana para se tornar missionário. Torna-se jesuíta, emite os votos. Depois torna-se sacerdote e vai evangelizar, enviado para o Oriente. Naquele tempo as viagens dos missionários ao Oriente era um envio rumo a mun-



Morte de São Francisco Xavier
(Museu do Oriente).

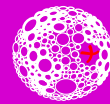
dos desconhecidos. Ele vai porque está cheio de zelo apostólico.

Parte assim o primeiro de um numeroso exército de missionários apaixonados dos tempos modernos, prontos a suportar dificuldades e perigos imensos, a chegar a terras e a encontrar povos de culturas e línguas totalmente desconhecidas, impelidos unicamente pelo fortíssimo desejo de dar a conhecer Jesus Cristo e o Seu Evangelho.

Em pouco mais de onze anos, realizará uma obra extraordinária. Naquela época, as viagens de navio eram deveras árduas e perigosas. Muitos morriam durante a viagem, devido a naufrágios ou doenças. Hoje, infelizmente morrem porque os deixamos morrer no Mediterrâneo... Francisco Xavier passa nas naus mais de três anos e meio, um terço de toda a duração da sua missão. Ele passou mais de três anos e meio nos navios para ir à Índia, depois da Índia para o Japão.

Quando chega a Goa, na Índia, capital do Oriente português, a capital cultural e também comercial, Francisco Xavier estabelece lá a sua base, mas não permanece lá. Vai evangelizar os pescadores pobres da costa meridional da Índia, ensinando o catecismo e orações às crianças, baptizando e curando os enfermos. Depois, durante uma prece nocturna diante do túmulo do apóstolo São Bartolomeu, sente que deve ir além da Índia. Deixa em boas mãos a obra já encetada e zarpa corajosamente para as Molucas, as ilhas mais longínquas do arquipélago indonésio. Para estas pessoas não existiam horizontes, elas iam além... Que coragem tinham estes santos missionários! Também os de hoje, embora não viagem em navios por três meses, vão de avião por 24 horas, mas depois lá é o mesmo. Devem ir e fazer muitos quilómetros, entrar nas florestas. E Xavier, nas Molucas, põe o catecismo em versos na língua local e ensina a entoar o catecismo, pois com o canto aprende-se melhor. Quais são os seus sentimentos, sabemos-lo através das suas cartas. Escreve: «Os perigos e os sofrimentos, aceites voluntária e unicamente por amor e serviço a Deus nosso Senhor, são tesouros ricos de grandes consolações espirituais. Aqui, em poucos anos, poder-se-ia perder os olhos pelas demasiadas lágrimas de alegria!» (20 de Janeiro de 1548). Chorava de alegria ao ver a obra do Senhor.

Um dia, na Índia, encontra um japonês que lhe fala do seu país distante, onde ainda não tinha ido nenhum missionário europeu. Francisco Xavier tinha a inquietação do apóstolo, de ir além, e decide partir o mais depressa possível e chega ali após uma viagem aventurosa num navio chinês. Os três anos no Japão são muito árduos, devido ao clima, às oposições e ao



São Francisco Xavier a pregar em Goa, Índia Portuguesa (1610), por André Reinoso (Museu de S. Roque).

desconhecimento da língua, mas também ali as sementes plantadas darão frutos abundantes.

O grande sonhador, Xavier, no Japão compreende que o país decisivo para a missão na Ásia era outro: a China. Com a sua cultura, história e grandeza, exercia efectivamente um predomínio sobre aquela parte do mundo. Também hoje a China é precisamente um polo cultural, com uma grande história, uma história belíssima. Por isso, ele regressa a Goa e pouco depois volta a embarcar-se, na esperança de poder entrar na China. Mas o seu plano falha: ele morre às portas da China, numa ilha, a pequena ilha de Sanchoão, no litoral chinês, na vã espera de poder desembarcar em terra firme, perto de Cantão. A 3 de Dezembro de 1552, morre em total abandono, só há um chinês ao seu lado a cuidar dele. Assim termina a viagem terrena de Francisco Xavier. Tinha envelhecido, quantos anos tinha? Oitenta? Não... Tinha apenas quarenta e seis anos, dedicou a vida à missão, com zelo. Parte da Espanha culta e chega ao país mais culto do mundo naquela época, a China, e morre diante da

“
**O amor de Cristo
foi a força que o impeliu
até às fronteiras mais
distantes, com fadigas
e perigos contínuos,
superando reveses,
desilusões e desânimos.**
”

grande China, acompanhado por um chinês. Tudo um símbolo!

A sua actividade extremamente intensa estava sempre vinculada à oração, à união mística e contemplativa com Deus. Nunca deixou a oração pois sabia que nela estava a força. Onde quer que se encontrasse, tinha grande cuidado com os doentes, os pobres e as crianças. Não era um missionário “aristocrático”: ia sempre aos mais necessitados – as crianças que eram as mais necessitadas de instrução, de catequese, os pobres, os doentes: ia precisamente às fronteiras da assistência onde cresceu em grandeza. O amor de Cristo foi a força que o impeliu até às fronteiras

mais distantes, com fadigas e perigos contínuos, superando reveses,ilusões e desânimos, aliás, dando-lhe consolação e alegria no seu seguimento e serviço até ao fim.

São Francisco Xavier, que realizou este empreendimento grandioso, com tanta pobreza e com tanta coragem, nos conceda um pouco deste zelo, deste zelo para viver o Evangelho e anunciar o Evangelho. Aos muitos jovens de hoje que têm alguma inquietação e não sabem o que fazer com essa inquietação, digo: olhai para Francisco Xavier, olhai para o horizonte do mundo, olhai para os povos tão necessitados, olhai para as muitas pessoas que sofrem, tanta gente que precisa de Jesus. E ide, tende coragem. Também hoje há jovens corajosos. Penso em tantos missionários, por exemplo na Papua Nova-Guiné, penso nos meus amigos, jovens, que estão na diocese de Vaimo, e em todos aqueles que foram evangelizar na esteira de Francisco Xavier. Que o Senhor nos conceda a todos a alegria de evangelizar, a alegria de levar por diante esta mensagem tão bonita que nos faz felizes, e a todos. ✨

O Padre tem de atravessar o rio!



Um Domingo, o Padre Francisco apanhou o autocarro para ir visitar uma comunidade do outro lado do rio e celebrar a Missa. Estava a chover e a estrada estava enlameada. O condutor do meio camião-meio autocarro ziguezagueava para não ficar preso nos buracos cheios de água. Os passageiros acompanhavam as suas manobras, deslocando-se ora para a direita ora para a esquerda, na esperança de equilibrar o veículo, que tendia a inclinar-se de uma forma estranha.

Após uma hora de viagem, chegaram ao rio. O condutor diz um palavrão. Depois, dá aos passageiros a má notícia: "Lamento, meus amigos, mas não podemos passar." O nível da água tinha subido durante a noite e não se via o vau por onde os veículos costumavam passar; e ele não queria arriscar ser levado pela corrente.

Todos se apearam, descarregaram as suas bagagens e começaram a conversar, sem saber o que fazer. "Isto não vem a calhar",

disse o P. Francisco para si próprio, "os fiéis estão certamente à minha espera e não sabem que estou aqui retido." Olhou para a água que corria rapidamente. Não era assim tão alta. Fez uma avaliação rápida e convenceu-se de que podia atravessar sem grande risco, mas teria de se despir, e como fazê-lo sob o olhar de toda aquela gente?

Não muito longe, estava um polícia. Aproximou-se dele, explicou-lhe a situação e pediu-lhe:

"Tem de lhes ordenar que olhem para o outro lado, enquanto eu atravesso o rio, levando a roupa na cabeça." "OK, está bem", respondeu o polícia com condescendência; depois gritou: "Olá, pessoal, olhem para o outro lado, porque o senhor Padre tem de atravessar o rio!"

Parece que as pessoas obedeceram e foram discretas. ✦

Padre Neno Contran
Missionário Comboniano

Quando fizer o seu testamento, pense nas OMP!

Se não tem familiares próximos e não sabe a quem deixar os seus bens, pode contemplar a ideia de doar parte deles às Obras Missionárias Pontifícias (OMP) – as Obras do Santo Padre –, com a finalidade de ajudar as Igrejas mais jovens e necessitadas noutros continentes, na sua acção evangelizadora e de promoção humana. Nesse caso, **pode fazer o seu testamento à Obra da Propagação da Fé**, o nosso nome oficial. A sua ajuda será canalizada para Roma, para o fundo de solidariedade universal com que o Santo Padre ajuda as novas Igrejas. O seu gesto assegura-lhe a gratidão e a oração da Igreja missionária.

A Igreja Católica no mundo

População mundial: 7.914.582.000 pessoas (+75.639.000 do que em 2022).

Católicos: 1.405.454.000

(+15.881.000 do que no ano precedente). O aumento deu-se em todos os cinco continentes, incluindo a Europa, onde em 2022 tinha havido um decréscimo. O aumento é mais acentuado em África (+8.309.000) e na América (+5.668.000). Seguem-se a Ásia (+954.000), a Europa (+740.000) e a Oceânia (+210.000). A percentagem de católicos no mundo é de 17,8%.

Bispos: 5.430 (+77 do que no ano anterior). O número de bispos diocesanos aumentou (+84) e o de bispos religiosos diminuiu (-7). Os bispos diocesanos são 4.258, enquanto os bispos religiosos são 1.172.

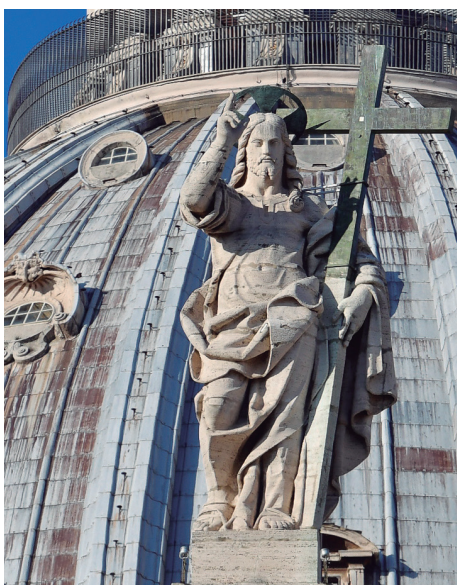
Padres: 406.996 (-734 que no levantamento anterior: -2.486, na Europa, -800, na América e -44, na Oceânia). Houve aumentos significativos em África (+1.451) e na Ásia (+1.145). Os sacerdotes diocesanos no mundo são 278.742 (-429). Os padres religiosos são 128.254 (-305).

Diáconos permanentes: 51.433 (+1.234, em relação ao ano precedente). O aumento registou-se na América (+1.257) e na Oceânia (+57). Houve ligeiras quedas na Ásia (-1), África (-3) e Europa (-27).

Religiosos não-sacerdotes:

48.748 (-666 do que no ano anterior). As diminuições registam-se na Europa (-308), na América (-293), na Ásia (-196) e na Oceânia (-46), enquanto na África os religiosos não-sacerdotes aumentaram (+107).

Religiosas: 589.423 (-9.730 do que no ano anterior). Os aumentos registam-se, mais uma vez, em África (+1.804) e na Ásia (+46), enquanto que continuam a diminuir na Europa (-7.338), América (-4.066) e Oceânia (-251).



Seminaristas maiores: 106.495 (-1.986 do que no ano precedente). Os aumentos registam-se apenas em África (+383), enquanto diminuem na América (-362), na Ásia (-1.331), na Europa (-661) e na Oceânia (-15).

Seminaristas menores: 95.021 (-140 que no ano anterior: -90, em África, -169, na Europa e -31, na Oceânia). Houve um aumento na Ásia (+123) e na América (+27).

Educação. A Igreja sustenta no mundo: 74.550 escolas infantis, frequentadas por 7.639.051 alunos; 102.455 escolas primárias, para 36.199.844 alunos; 52.085 escolas secundárias, para 20.724.361 alunos. Além disso, apoia 2.688.625 de estudantes em institutos superiores e 4.468.875 estudantes em universidades ligadas à Igreja.

Saúde. As instituições de saúde, beneficência e assistência ligadas à Igreja Católica são 103.951: 5.377 hospitais; 13.895 dispensários; 504 leprosários; 15.566 lares para idosos, doentes crónicos e deficientes; 10.858 creches; 10.827 consultórios matrimoniais; 3.147 centros de educação ou reeducação social; e 35.184 instituições de outro tipo.

Circunscrições eclesiais: 1.130 (+7 que no ano anterior). A maioria é na África (530) e na Ásia (483). Seguem-se a América (71) e a Oceânia (46). ✚

Agência Fides.

Dados de 30 de Junho de 2023.

Como ajudar a Igreja Universal através das OMP?

O nosso número de conta, NIB e IBAN, para a transferência de fundos é o seguinte:

Obra da Propagação da Fé

Banco Millennium-BCP

Nº Conta: 23521434

NIB: 0033 0000 0002 3521 434 05

IBAN: PT 50 0033 0000 0002 3521 434 05

Agradecemos que os doadores nos contactem para nos darem o seu NIF e direcção, de modo a que possamos mandar-lhes o recibo para efeitos de IRS.

As Obras Missionárias Pontifícias são uma rede mundial de oração, informação e partilha com a Igreja Missionária.

Muito obrigado a todos os que nos enviam os seus donativos, para estas Obras. Todos os dias, às 5 horas da tarde, na Basílica de S. Pedro, em Roma, é rezada uma Eucaristia pelas intenções dos colaboradores e benfeitores das Obras Missionárias Pontifícias.

Eis-me aqui. Envia-me a mim!

**Eis-me aqui. Envia-me a mim!
Envia-me àqueles que não procurei,
mas que se abeiram de mim,
para serem acolhidos, servidos e amados.
Que a minha entrega e humildade lhes faça sentir
que a minha força vem de Ti,
e através de mim, possam encontrar-Te
e conhecer a PALAVRA que transforma.**

**Eis-me aqui. Envia-me a mim!
Ajuda-me a sair da minha zona de conforto
e leva-me aos que sofrem, aos pobres,
aos frágeis, aos vulneráveis e marginalizados,
para que possam sentir a Tua mão amiga
e a Tua presença reconfortante,
nas minhas mãos que acolhem
e no meu coração que ama e perdoa.**

**Eis-me aqui. Envia-me a mim!
À comunidade, onde me chamas agora.
Que a minha paciência,
bondade e generosidade,
ajudem a construir uma comunidade fraterna,
onde se respire o ar da Tua Presença amorosa
e a brisa do Espírito que consola e ilumina.**

**Eis-me aqui. Envia-me a mim!
Leva-me pelos caminhos do Reino,
sem cajado e sem alforge, sem preconceitos
e sem radicalismos,
respeitando sempre o mistério
de cada pessoa que encontro,
e mostrando-te, a Ti,
como CAMINHO, VERDADE E VIDA.**

**Eis-me aqui. Envia-me a mim!
Ensina-me a viver “em saída”:
a sair de mim, dos meus planos e projectos,
para fazer sempre a Tua vontade.
Quero amar, perdoar, unir, dar as mãos,
e ser tua discípula na missão de consolar,
e revelar a todos a Tua misericórdia e bondade.**

**Eis-me aqui. Envia-me a mim!
Tudo é Teu, tudo Te dou, dispõe de mim...
Quero apenas amar e servir ali,
onde me envias,
Com a minha vida em MISSÃO.**

**Ir. Fátima Magalhães
Teresiana**

Foto: Karsten Würth, Unsplash